

UM AXÉ BAIANO PARA FHC

Em festa repleta de homenagens ao deputado Luís Eduardo Magalhães, presidente ouve hino do Senhor do Bonfim e pede votos

Denise Rothenburg
Enviada especial

Salvador (BA) — Enquanto o governador Miguel Arraes (-PSB-PE) precisou de 500 ônibus do interior para lotar o centro de Recife numa festa do PT de Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) não precisou sequer de 80 para reunir o mesmo número no bairro de Paripe, subúrbio da capital baiana. Na Bahia, o eleitor de ACM não precisa de ninguém para levá-lo aos comícios.

O maior comício da campanha pela reeleição aconteceu num dos bairros mais pobres e violentos de Salvador, onde Fernando Henrique aproveitou para apresentar-se às pessoas simples, como um “candidato-gente”, citando as visitas que já fez a Paripe e os programas do governo federal em curso na região, como habitação e saneamento básico. “Dizem que eu e o ACM somos da elite. Nossa elite são vocês. Fizemos tudo por vocês. Se mais não fizemos, foi porque mais não podemos”, bradava Fernando Henrique, uma resposta aos ataques que tem recebido no horário eleitoral gratuito do PSTU.

A segurança do Palácio do Planalto ficou baratinada, sem os metros de distância regulamentar entre o povo e o presidente. Um coronel pediu nome completo, dos pais e número da identidade das 70 baianas que, por R\$ 20,00 para cada uma, fizeram um corredor atrás do palanque para saldar Fernando Henrique Cardoso com uma chuva de pétalas de rosas.

Quando viu o tamanho das saias que elas usavam, a segurança presidencial quis revistar uma a uma. “-Sei lá o que pode ter aí embaixo”, dizia um deles, olhando para o conjunto de saias balão. Só desistiu quando um integrante da segurança de Antônio Carlos foi direto: “Elas vieram para cá a pedido de ACM. Ele organizou, conhece elas e não tem nada de revista”.

O povo ali era mesmo de ACM. “O seu rosto irradia, ACM é a Bahia.

Nosso povo leva fé/ pois é/ é no axé de ACM”. O refrão da música, presente de Edir Pacheco a Antônio Carlos, deu o tom da festa. O maior líder político da Bahia abriu o discurso falando do filho, Luís Eduardo, enterrado no dia 22 de abril em Salvador — exatamente quatro meses antes do comício.

“Há quatro meses o presidente Fernando Henrique Cardoso interrompia uma viagem oficial ao exterior para juntar a sua dor à nossa dor pelo falecimento de Luís Eduardo. Hoje, ele está aqui para dar o seu apoio antecipado do que significa a sua reeleição no dia 4 de outubro. Eu brigo com ele e por quem quer que seja por este povo e pela Bahia. É este povo que me dá força e que não me deixa cair e que me sustenta com seus braços fortes para continuar trabalhando pela Bahia e pelo Brasil”, diz ACM, com a voz meio embargada.

Aglomeradas na frente do palanque, algumas pessoas choram com Antônio Carlos, quando o presidente-candidato cita o Luís Eduardo: “Pouca gente sabe o quanto Luís Eduardo foi ligado a mim. Ele foi um dos primeiros a imaginar que eu poderia ser presidente da República. Eu o queria como meu vice-presidente. Ele me procurou para dizer: ‘eu sei que o senhor me quer para seu vice, mas eu vou dizer que não quero, querendo para não atrapalhar a composição’. Ele renunciou à vice-presidência sem ninguém saber. Pela primeira vez digo isso em público. Ele combinou comigo que recusaria porque talvez naquele momento houvesse outras forças que pudessem se compor para ajudar minha eleição. Ele foi o esteio das reformas”, disse Fernando Henrique.

As lágrimas rolam pelo rosto de Antônio Carlos. Seu povo grita “Força, força!”. Fernando Henrique continua o discurso, que daí em diante foi uma homenagem a Luís Eduardo, sem deixar de citar o ex-ministro das Comunicações, Sérgio Motta, e de fechar com um pedido de votos e todos de mãos dadas para ouvir o hino do Senhor do Bonfim.

Jefferson Rudy



Fernando Henrique, ao lado de Antônio Carlos Magalhães: revelação de que queria Luís Eduardo para vice-presidente